



CAPÍTULO 20

O PÓDIO DE MULHERES NEGRAS NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: O ENTERRO DO ELITISMO

ALINE MAIA DE FREITAS

Capítulo 20 - O pódio de mulheres negras na ginástica artística: O enterro do elitismo

The Podium of Black Women in Artistic Gymnastics: The Burial of Elitism

Aline Maia de Freitas

A ginástica artística

Os primeiros registos de prática física da ginástica foram durante a Pré-História, e posteriormente, aprimorada pelos gregos, que passaram a melhorar as técnicas, incrementando movimentos e acrobacias, com o intuito de atingir a perfeição por meio da disciplina, do caráter estético e moral do corpo. Durante o Império Romano, os romanos utilizavam a prática em duas vertentes opostas, sendo a primeira como meio de preparar e formar os guerreiros para batalhas, ea segunda, de forma lúdica em atividades circenses.

Somente no século XIX, com os esforços de Friedrich Ludwing Cristoph Jahn, que a ginástica artística foi instituída como modalidade esportiva (Jahn, 1928). Em 1842, a modalidade finalmente foi difundida por países do continente europeu e norte-americano, dando início à criação das primeiras federações nacionais do desporto: Alemanha (1860), Bélgica (1865), Polônia (1867), Holanda (1868) e França (1876). Em 1881, foi criada a Federação Europeia de Ginástica, instituição que organizava as competições oficiais, e que algumas décadas depois, em 1921, veio a se tornar a Federação Internacional de Ginástica (FIG), onde se consagrou como a autoridade suprema no regulamento e monitoramento do desporto elevado a nível mundial. A estreia oficial nos jogos olímpicos ocorreu na primeira edição do evento, realizado em 1896, na cidade de Atenas, na Grécia. Apesar de décadas de consolidação do desporto, as mulheres só tiveram oportunidade de participar pela primeira vez de uma Olimpíada no ano de 1928, na edição do evento que foi realizada em Amsterdão.

Mulheres negras e as práticas desportivas

A denominação da cor é mais do que simplesmente o tom da pele: também é a textura do cabelo, o formato do nariz, dos lábios, e além de traços culturais (Guimarães, 2011). Ser uma mulher negra no Brasil é um desafio de larga escala, visto que essas mulheres estão inseridas em um ciclo de marginalização e totalmente imersas num universo de estereótipos, pautados em preconceitos e elitismo. Até mesmo o movimento feminista brasileiro não abarca as reivindicações impostas pelas mulheres negras, pois é de um caráter altamente eurocêntrico e ocidental (Carneiro, 2003).

Por isso, a importância de estudar os processos de subordinação derivados do racismo e do machismo: para entender os eixos de interseccionalidade, capturar as consequências de estruturas e dinâmicas sociais que promovem a opressão de classe, sistemas discriminatórios e desigualdades básicas, que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2012: 177).

Como uma ferramenta poderosa de mudança, o desporto atua como um grande veículo de ascensão social, configurando um espaço de resistência, abrangendo o cenário olímpico e transpassando quaisquer barreiras impostas pela cor e gênero (Crelie, 2016). O desporto associado às médias proporciona forte engajamento de pautas importantes, utilizando atletas como um plano de fundo para o destaque e visibilidade das questões sociais. Para Nogueira (2015, p.43):

É no espaço midiático que ocorrem grande parte das relações étnico-raciais brasileiras. Portanto, a reprodução da normatização dessa discrepância étnica opera em um senso comum onde tudo parece estar no seu devido lugar. E quando ocorre o protagonismo do negro nesse cenário midiático, o jornalismo esportivo se quer problematiza ou enaltece o fato.

Hoje, a presença da mulher negra no desporto e na mídia, está em todo lado, salientando as relações existentes entre raça e gênero, principalmente em âmbito desportivo. Na história da ginástica artística, a primeira ginasta preta a ganhar uma medalha olímpica individual foi a americana Dominique Dawes, que conquistou um lugar no pódio com um bronze no solo, no ano de 1996, em Atlanta.

A primeira brasileira, mulher negra, campeã mundial de uma prova por aparelhos, foi Daiane dos Santos, que conquistou o ouro no solo, com uma série

espetacular ao som de *Brasileirinho*, no Campeonato do Mundial de Ginástica Artística, em Anaheim, na Califórnia, no ano de 2003. Apesar do seu histórico incrível de medalhas em Campeonatos Mundiais, Jogos e Campeonatos Pan-Americanos, Jogos Sul-Americanos e Copas do Mundo, Daiane não chegou a ganhar em nenhuma categoria dos Jogos Olímpicos.

Em 2012, encerrou a sua carreira na ginástica deixando um legado e uma esperança para a geração futura ao se dedicar a ser empresária e promover projetos sociais para atletas de alto desempenho e para a cultura do desporto. Formada em Educação Física, ela busca, por meio do seu projeto social chamado *Brasileirinhos*, dar oportunidade para outras crianças e jovens, por meio do desporto, colocando em prática sua experiência para lidar com novos desafios que esses futuros atletas venham a enfrentar.

Em grande maioria, as mulheres negras que se destacam no desporto, vêm de origem pobre, sinônimo de luta pela mudança da realidade de onde veio, e resistência a segregação elitista dentro da ginástica artística. Veiga salienta que:

O campo olímpico desportivo se torna um aparato de poder histórico, social, econômico e político de arranjos de uma camada social alta, ocidental, branca e masculina que controla as narrativas e recria as suas próprias argumentações no controle institucional dos comitês e federações demonstrando um dos sintomas de uma história desigual e racista. Apesar de haver representatividade negra na história olímpica, a sua mera presença neste cenário e espaço não consegue atingir sua devida lembrança na memória coletiva (2020, p. 93)

Em prol do fim da hegemonia e de estruturas excludentes das competições olímpicas, a nova geração vem buscando não só a representatividade, mas também a integração das mulheres negras na esfera desportiva e olímpica. Uma vez que esse espaço é finalmente ocupado e reconhecido, avança-se cada vez mais para uma realidade de um desporto mais igualitário e representativo, sendo efetivamente pertencente e alcançável “para todos”.

O pódio histórico

As olimpíadas de 2024, em Paris, foram marcadas por um momento histórico na Ginástica Artística: um pódio composto só com mulheres negras. Sinônimo de grande conquista, visto que as primeiras mulheres negras estiveram no pódio pela primeira vez apenas em Barcelona, no ano de 1992. Nas apresentações de solo a americana

Simone Biles¹¹⁰, foi a sétima das nove finalistas a apresentar a sua performance, onde cometeu dois erros ao pisar fora da área do tablado com os dois pés e por duas vezes, o que lhe custou 0.6 pontos. Como nota final, ficou com 14.133, o que significou 0.33 a menos que Rebeca Andrade¹¹¹, que foi a segunda a se apresentar e fez sua performance consistente e precisa no solo e obteve a nota final de 14.166. A pontuação deu a Rebeca seu primeiro ouro em Paris-2024. Emocionada, a atleta chorou no pódio, ao som do hino nacional brasileiro, algo muito raro e bonito de se ver.

No pódio, nos seus respectivos lugares estavam, Jordan Chiles¹¹², com a medalha de bronze; Simone Biles, com medalha de prata, e no topo, a brasileira Rebeca Andrade, com a medalha de ouro. Antes das Olimpíadas, no Mundial, Rebeca já havia ido ao pódio, recebendo uma medalha de prata, ao lado das americanas Shilese Jonas e Simone Biles. Mas nas Olimpíadas, foi o momento de a estrela brasileira brilhar e subir no lugar mais alto do pódio, sendo até mesmo reverenciada pelas duas atletas americanas (Figura 20.1).



Figura 20.1. Simone Biles e Jordan Chiles reverenciam Rebeca Andrade
Foto: REUTERS/Hannah Mckay

¹¹⁰Simone Arianne Biles, 27 anos, nascida em Ohio, Estados Unidos, atleta profissional de ginástica artística federada pelo time dos Estados Unidos.

¹¹¹Rebeca Rodrigues de Andrade, 25 anos, nascida em Guarulhos, São Paulo, Brasil, atleta profissional de ginástica artística, federada pelo time do Brasil.

¹¹²Jordan Lucella Elizabeth Chiles, 23 anos, nascida em Tualatin, Estados Unidos, atleta profissional de ginástica artística federada pelo time dos Estados Unidos.

Emocionada, Rebeca Andrade, ressaltou o percurso realizado até ali e o empoderamento que isso significou para as mulheres negras, quando disse:

“A gente já teve no Mundial, poder repetir na Olimpíada é mostrar a potência dos negros. Ou as pessoas aplaudem ou elas engolem. Foi lindo. Eu me amo, amo a cor da minha pele - disse Rebeca, após a cerimônia de medalhas.” – Rebeca Andrade

Com a conquista da medalha de ouro, a atleta Rebeca Andrade é a única mulher preta, além de Simone Biles, que detém o título de campeã mundial do individual geral. A brasileira totaliza seis medalhas olímpicas, sendo elas duas de ouro, três de prata e uma de bronze. Apesar de ter ficado com a medalha de prata, o feito histórico também abrangeu Simone Biles, que, com a medalha, se tornou uma das maiores campeãs olímpicas da história da ginástica artística do mundo, ao somar o total de 11 medalhas, sendo elas conquistadas nos Jogos do Rio de Janeiro em 2016, Tóquio em 2020 e Paris em 2024, totalizando sete de ouro, duas de prata e duas de bronze.



Figura 20.2. Rebeca Andrade posa para foto com Jordan Chiles e Simone Biles

Foto: REUTERS/Amanda Perobelli

A atleta Jordan Chiles, que conquistou a medalha de bronze e também compôs o trio que alcançou o feito histórico, cheia de emoção e sororidade feminina, declarou sobre a brasileira:

"Ela (Rebeca) é incrível. Uma lenda. Devemos reconhecer o trabalho dela. Ficamos muito felizes por esse pódio ter sido formado por mulheres pretas. Era muito importante para nós isso. Senti que era necessário (a reverência)" - Jordan Chiles.

Considerações finais

As conquistas das mulheres negras da ginástica artística mostram que a questão da representatividade tem sido amplamente evidenciada e discutida, não somente no contexto olímpico, mas também da literatura, da estética, da política, do esporte, entre outros. O poder que essas causas ganham ao serem propagadas pelos média torna o alcance ainda maior. Realizar essa diferença, nos permite olhar para trás e perceber que há poucos anos, os livros, as revistas, os média em geral, costumavam empoderar e retratar um estereótipo de corpo, uma só textura para denominar o cabelo comum. As princesas e os heróis eram brancos, políticos renomados também, mas hoje, a realidade está cada vez mais integrativa, onde o negro vem se apropriando de todos esses espaços, e na ginástica artística não é diferente.

A consolidação da diversidade e da representatividade no desporto são pilares fundamentais para a instituição de um ambiente mais justo e inspirador para todas as mulheres atletas. Incentivar a inclusão e a representatividade são uma forma de assegurar que o desporto tem o poder de refletir a variedade de vidas e das diversas experiências existentes na sociedade, de forma a promover não só a igualdade, mas também a excelência em todos os níveis.

Este marco histórico também serve como um poderoso lembrete de que o talento nunca será restrito a uma cor ou origem, e salienta a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas inclusivas para meninas negras, reconhecendo e celebrando a diversidade e promovendo o enriquecimento cultural e social.

O caminho tem sido longo, repleto de obstáculos, mas ocupar esses lugares, o topo do pódio, vai além da representatividade. É sinônimo de pertencimento e mérito, digno de reconhecimento não só pela brilhante atuação atlética, mas como mulheres, guerreiras, e acima de tudo humanas.

Referências Bibliográficas

- Afonso, L. (2025). *Ginástica artística. Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/ginastica-artistica.htm>
- Carneiro, S. (2003). *Mulheres negras, violência e pobreza*. Brasil. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (Org.), *Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher – plano nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero; construindo políticas públicas* (pp. 11-19). Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.
- Crelieir, C. M. S., Silva Junior, A. E., Roque, L. F. S., & Soares, R. A. S. (2016). Mulher negra, esporte e mídia. *REDE-A*, 6(1).
- Confederação Brasileira de Ginástica. (n.d.). *Ginástica artística*. Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/esportes/Ginastica-artistica/>
- Ge.globo. (2024, 5 de agosto). *Pódio do solo é 1º da ginástica só de mulheres pretas em Olimpíadas e mostra a potência dos negros*. Globo Esporte. Disponível em <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/05/podio-do-solo-e-1o-da-ginastica-so-de-mulheres-pretas-em-olimpiadas-e-mostrar-a-potencia-dos-negros.ghtml>
- Guimarães, A. S. A. (2011). Raça, cor, cor da pele e etnia. *Cadernos de Campo*, 1(20), 1-360.
- Jahn, F. L. (1928). *Friedrich Ludwig Jahn*. Deutsche Dichter-Gedächtnis-Stiftung.
- Mattos, L. B. M. (2024). *O lugar do não lugar: corpos dissonantes no esporte olímpico* [Tese de Doutorado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Ministério do Esporte (2016). *Ginástica artística*. Coordenação Geral - Fernando Marinho Mezzadri. Inteligência Esportiva, Governo do Brasil. Disponível em <https://s4.static.brasilecola.uol.com.br/be/2023/10/ginastica-artistica.pdf>
- Moura, R. M. (2012). *Ginástica artística: possibilidades de uma prática na Educação Física Escolar* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual da Paraíba.
- Nogueira, H. D. S. (2015). *E o “professor” não pode ser negro? O jornalismo esportivo e seu olhar sobre o racismo* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre
- Oliveira, M. S. (2010). *O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas
- Veiga, V. L. (2020). *Citius, Altius, Fortius, Silentium: 130 anos de trajetórias de atletas negros nos Jogos Olímpicos* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

